

RESENHA

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, “o bom europeu”. A recepção na Alemanha, na França e na Itália*. São Paulo: Editora UNIFESP, 2022

José Nicolao Julião*

A filósofa Scarlett Marton, professora titular de Filosofia Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), em um contexto estruturalmente machista como o da filosofia, “roubou” a cena filosófica brasileira com seus estudos sobre Nietzsche, tornando-se uma das mais eminentes pensadoras brasileiras. Ela tem um estilo próprio, o que lhe confere certa originalidade, e uma proeminência de peso na *Nietzscherforschung*, o que lhe confere competência. É autora de diversos livros, faz parte – com destaque – de importantes grupos internacionais, compõe o corpo editorial de renomadas editoras e publica em conceituados periódicos e coletâneas; desse modo, impôs o seu empoderamento feminino. Com todas as vênias pela extravagante comparação, poderíamos dizer que Scarlett Marton, assim como Filis que dominara Aristóteles, cavalcando-o, e Lou Salomé que conteve os arrojos de Nietzsche e Paul Rée na ponta do chicote, ela também domou, à sua maneira, o filósofo alemão, autor de frases, no mínimo, polêmicas sobre as mulheres, tal como, por exemplo, a provalada: “Se tens de tratar com as mulheres, não esqueças o chicote” (ZA I “Das velhas e novas mulherezinhas”). Só que ela inverteu o comando do açoite ao tratar da sua filosofia, fazendo-o dizer de forma conceitualmente concatenada, transformando, através da sua capacidade elaborativa, o bárbaro em civilizado. Isso se tornou notável desde a publicação da sua seminal tese de doutorado *Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos*, de 1992, que fez e faz imenso sucesso na comunidade filosófica brasileira no que concerne à recepção da filosofia de Nietzsche, que era, até então, mormente, de matriz francesa (Deleuze, Foucault e Derrida) ou alemã (majoritariamente heideggeriana). Scarlett Marton inaugurou uma forma de abordar o pensamento de Nietzsche que ia, à época, para além dessas apropriações surradas, trazendo à discussão não só aspectos importantes do aparato conceitual nietzschiano, como também novas leituras e formas metodológicas de abordagem interpretativa afinadas com que havia de melhor na *Nietzscherforschung*.

* Professor de Filosofia da UFRRJ. Seropédica, RJ, Brasil. Contato: ijnicolao@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5253-4897>

A filósofa lançou, em 2021, um promissor livro intitulado *Les ambivalences de Nietzsche. Types, figures et images féminines*, pelas Éditions de la Sorbonne, na França – com tradução brasileira quase simultânea – no qual ela nos esclarece de forma penetrante a posição ambígua do filósofo quanto ao seu trato com as mulheres e contribui, ainda, para ampliar de forma enriquecedora as discussões atuais em torno do gênero, do feminismo etc. Contudo, antes mesmo que acabássemos de “ruminar” as ideias difundidas nessa obra, ela lança, já de imediato, outro trabalho pela coleção *Sendas & Veredas* ligada ao Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), com o título: *Nietzsche, “o bom europeu”. A recepção na Alemanha, na França e na Itália.*

O livro é um estudo muito bem estruturado em quatro capítulos. A introdução e o primeiro capítulo lhe dão certa unidade, muito embora cada parte tenha independência entre si e, por isso, podem ser lidas separadamente. Há, no entanto, um núcleo teórico comum de reflexão filosófica sobre as concepções nietzschianas de “bom europeu” e de “Europa”, analisadas em uma perspectiva da cultura que é desenvolvida, especialmente, no primeiro capítulo. Os demais dele extraem as suas significações mais profundas e descrevem abordagens próprias da recepção do filósofo, cheias de deturpações e reabilitações na Alemanha, de voltas e reviravoltas na França e de pontos de inflexão na Itália. Segundo a autora, com esse trabalho, ela não teve

o intuito de avaliar em que medida as diversas maneiras de encarar a filosofia nietzschiana estão certas ou erradas ou até que ponto as diferentes interpretações do seu pensamento são fiéis ou traem o “verdadeiro Nietzsche”. A história da recepção bem mostra que elas são moldadas pelas percepções políticas, ideológicas e culturais dominantes no período em que aparecem; em suma, são em parte tributárias do momento histórico em que surgem (p. 6)

No primeiro capítulo, único totalmente inédito – visto que os demais são atualizações de estudos já apresentados em outras ocasiões –, a autora examina as considerações de Nietzsche sobre “o bom europeu” e, conseqüentemente, a Europa, a partir de uma perspectiva cultural que está associada a uma tradição do pensamento que remonta ao neo-humanismo do final do século XVIII, que lhe permite denunciar o imperialismo prussiano e a cultura filisteia que ele testemunha na Alemanha de sua época. Nesse capítulo, Scarlett Marton: 1) mostra como o filósofo em seu combate contra o romantismo e o nacionalismo se posiciona a favor do cosmopolitismo, que promoveria a fusão das nações

e a emergência do “bom europeu”, dando certa unidade à Europa; 2) começa a investigar se Nietzsche, em algum momento posterior, foi considerado um “bom europeu” seja na Alemanha, na França ou na Itália, tarefa que ela desenvolve nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, “Deturpações e reabilitações: A recepção na Alemanha”¹, a autora narra, com bastante propriedade, a recepção de Nietzsche em sua pátria, onde talvez mais do que em qualquer outra parte, ele tenha sido objeto de múltiplas leituras e de apropriações que o deturparam e lhe reabilitaram. Os seus textos repercutiram nas mais diversas áreas, na literatura, nas artes em geral, na política, na filosofia, em diversos momentos da história alemã contemporânea. A partir desse contexto, mais geral, Scarlett Marton mostra a repercussão da obra nietzschiana desde as polêmicas envolvendo o *Nascimento da tragédia* e, de certo modo, as *Extemporâneas*, perpassando: 1) a divulgação empreendedora da sua obra, feita institucionalmente por sua irmã através do *Nietzsche-Archiv*, que levou à publicação desastrosa da compilação *A Vontade de Poder*, na *Grande Edição de Oitava*; 2) a entusiasmada apropriação dos escritores e artistas na virada do século XIX para o XX; 3) a indevida e deturpadora apropriação nazista; 4) a recepção sistemática de Nietzsche dentro da tradição fenomenológica-hermenêutica alemã nos anos 30 e 50 do século passado, que o reabilita; 5) a organização, por Colli e Montinari, da edição crítica da obra de Nietzsche pela prestigiada *De Gruyter*, a partir dos anos 60, desconchavando, de vez, a lendária *A Vontade de Poder*; 6) a recepção na *Nietzscheforschung*, sobretudo a partir dos anos 70 sob a liderança de Müller-Lauter, que permitiu a organização editorial de importantes meios de difusão dos estudos sobre Nietzsche como os *Nietzsche-Studien*, a Coleção de teses da *De Gruyter* e a formação de uma geração de pesquisadores que vem até nossos dias, dentre os quais Jörg Salaquarda, Günter Abel e Werner Stegmaier.

No terceiro capítulo, “Voltas e reviravoltas: A recepção na França”², a autora narra, com riqueza de detalhes, as voltas e reviravoltas que a recepção do pensamento nietzschiano sofre na cena filosófica e cultural francesa desde o final do século XIX, desde sua correspondência com o crítico de artes Hippolyte Taine (1828-1893), até nossos dias.

¹ Trata-se de uma versão atualizada da sua introdução à coletânea de textos *Nietzsche na Alemanha*. São Paulo - Ijuí: Discurso Editorial - Editora da Unijuí, 2005.

² Trata-se de uma versão atualizada da sua introdução à coletânea *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

Na abertura do capítulo, é enfatizado como Nietzsche foi recepcionado na França sem despertar grandes surpresas, (p. 54), como testemunham o ensaísta Jules de Gaultier (1858-1942)³ e o Nobel de literatura, André Gide (1869-1951),⁴ que viam o seu pensamento como tendo uma inspiração nitidamente francesa, sendo, por isso, já esperado antes mesmo que o conhecessem. Segundo a autora, isso se deu devido à certa tradição francesa, reverenciada por Nietzsche, que vem desde Montaigne, passando por Pascal, La Rochefoucauld e Voltaire, chegando a Stendhal, que prepararam indiretamente a sua recepção (p. 57). Também é sublinhado que a própria recepção nietzschiana na França se tornou objeto de diversos estudos ao longo do século XX, desde o trabalho inaugural da germanista e tradutora Geneviève Bianquis, *Nietzsche en France. L'influence de Nietzsche sur la pensée Française*, em 1929, que investiga as razões da grande receptividade dos textos do filósofo, justificando haver uma espécie de nietzschianismo pré-existente. Tal trabalho foi complementado, anos mais tarde, por Pierre Boudot, em 1970, em *Nietzsche et l'au-delà de la liberté*, que, posteriormente, foi seguido por vários outros estudos até nossos dias. Contudo, mais importante do que a história da recepção da obra de Nietzsche na França, para Scarlett, são as marcas da sua influência sobre o pensamento francês, tanto no âmbito artístico quanto de estudos germanísticos e, especialmente, no filosófico.

A partir disso, são analisadas as diversas voltas e reviravoltas que o pensamento nietzschiano sofreu em sua recepção francesa desde a virada do século XIX. Primeiramente, quando o seu nome estava ainda atrelado à recepção wagneriana, o que depois sofreu uma mudança por causa de jovens escritores empenhados em combater o simbolismo decadente e o wagnerianismo. Eles passam então a ver Nietzsche não mais como mero coadjuvante do culto a Wagner, mas como um objeto de interesse próprio, contribuindo para o surgimento das primeiras traduções francesas da sua obra a partir de 1894, por Henri Albert. Na década de 1910, portanto, como apresenta Scarlett Marton, Nietzsche passa a ser apropriado por diferentes versões, tornando-se um bem comum, mas que não apresenta conteúdo preciso. Durante os anos que precedem a Primeira Grande Guerra, aumenta-se a recrudescência do nacionalismo, o que arrefece o interesse pelo filósofo alemão. Mais uma reviravolta ocorre nos anos de 1920, quando o interesse pelo

³ Jules de Gaultier. “Nietzsche et la pensée française”, *Mercur de France*, vol. VIII, 1904.

⁴ André Gide. *Prétextes, réflexions critiques sur quelques points de littérature et de morale*, p. 86.

filósofo ressurgem com jovens intelectuais, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Paul Nizan, Henri Lefebvre, Georges Bataille. Mas são, principalmente, os germanistas que dele se ocuparam academicamente, tal como a supracitada Bianquis e o seu mestre Charles Andler, com a sua monumental obra em 6 volumes, *Nietzsche, sa vie et sa pensée* (1920-1931). Nas décadas de 30 e 40, ocorre outra grande reviravolta, conduzida, por um lado, pelos emigrantes intelectuais de língua alemã que chegam à França, figuras tais como, Bernard Groethuysen, Emmanuel Lévinas e Alexandre Kojève; por outro lado, pelo retorno de jovens pensadores franceses, depois de uma temporada na Alemanha, como Raymond Aron e Jean-Paul Sartre. Esses contribuíram para difusão na França de filósofos alemães até então pouco conhecidos, como Hegel, Husserl, Heidegger e, também, Nietzsche – que aparece subordinado aos demais. A filosofia nietzschiana é nessa época – como chama atenção Scarlett Marton –, mais impactante sobre a vanguarda cultural e literária, do que sobre os filósofos. Nomes como Bataille, Klossowski, Camus, Malraux e Blanchot, que se reuniam em torno da revista *Acéphale*, defendiam o filósofo alemão da pecha nazista. Contudo, até o final dos anos de 1950, o estatuto filosófico de Nietzsche permanecia ambíguo.

Eis que uma nova reviravolta se anuncia, como atesta Scarlett Marton, em 1957, quando tem lugar a defesa da tese de Angèle Kremer-Marietti, intitulada *Thèmes et structures dans l'oeuvre de Nietzsche*, que abre a inserção de Nietzsche na academia francesa de filosofia. Entre 1958 e 1962, vem a público um número de artigos sobre o filósofo, nas mais renomadas revistas francesas de filosofia e, ao mesmo tempo, foram publicados importantes livros sobre ele, de autores como Maurice Blanchot, Pierre Boudot, Paul Valadier e Gilles Deleuze, entre outros. Nos anos seguintes, organizam-se dois importantes colóquios internacionais sobre Nietzsche, o Colóquio de Royaumont em 1964 e o de Cerisy em 1972, dos quais importantes estudiosos do filósofo participaram, entre eles, Lyotard, Foucault, Deleuze e Derrida. Em 1967, a partir da edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, a prestigiosa editora *Gallimard* começa a publicar as obras completas do filósofo, sob a responsabilidade de Gilles Deleuze e Maurice de Gandillac. Em 1969, o pensamento nietzschiano passa a ocupar o centro dos debates da *Sociedade francesa de filosofia*. No ano seguinte, passa a constar no programa do concurso de agregação em filosofia, um dos mais importantes para a carreira acadêmica na França.

Também é destacado que estudiosos nietzschianos como Jean Granier e – mais tarde – Sarah Kofman, conquistam seus espaços na universidade francesa. Nos anos de 1960, como diz Scarlett Marton, Nietzsche está *dans l’air du temps*: ele foi beneficiado, antes de tudo, pela ação convergente de autores que, apesar de terem projetos filosóficos distintos, se viram agregados pela recusa da ortodoxia universitária, contrastando-o com figuras canônicas, como as de Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz ou Kant e, ao mesmo tempo, com as classificações estabelecidas, como a de teoria do conhecimento, metafísica ou moral. Desse modo, Nietzsche passa a corresponder às expectativas daqueles que visavam a introduzir na filosofia rupturas literárias e artísticas. Contudo, no contexto acadêmico, prevaleciam ainda trabalhos de história da filosofia que se prestavam ao comentário de autores consagrados pela tradição. Contra esse procedimento, surge a mais representativa geração de filósofos nietzschianos propriamente ditos, entre esses Deleuze, Foucault e Derrida, que lançam mão da ideia de interpretação e substituem assim a busca fiel do verdadeiro sentido do texto filosófico, praticada pela erudição universitária, pela busca livre das potencialidades de significação nele aprisionadas. Passam a explorar imagens, símbolos, metáforas, aforismos e poemas. Procuram conciliar caminhos até então divergentes da exegese e da criação, suprimindo as fronteiras entre o filosófico e o literário e, assim, levam o comentário a ceder lugar à interpretação. Eles privilegiaram a vertente corrosiva do pensamento de Nietzsche, incluíram-no ao lado de Marx e Freud entre os “filósofos da suspeita”; entenderam a filosofia como “exercício infinito da desconstrução”. Na década de 1990, mais uma reviravolta, reivindicando “a exigência ancestral da racionalidade”. Alguns polemistas querem pensar com Nietzsche *contra* o nietzschianismo, melhor ainda, *contra* determinada utilização das ideias do filósofo, voltando-se contra seus mestres, Foucault, Deleuze, Derrida e outros, as armas que estes lhes ensinaram a manejar. E, por fim, mais recentemente floresce uma geração de pesquisadores que de forma cosmopolita integram a rede internacional de estudos sobre Nietzsche.

No quarto capítulo, “Pontos de inflexão: A recepção na Itália”⁵, a autora demonstra, sinopticamente, como pontos de inflexão marcaram a recepção italiana da filosofia de Nietzsche desde a virada do século XIX para o XX até os dias atuais. Ela narra como a

⁵ Trata-se da sua introdução à coletânea de textos sobre a recepção italiana de Nietzsche, *Nietzsche pensador mediterrâneo. A recepção italiana*. 1. ed. São Paulo/ Ijuí: Discurso Editorial/ Editora Unijui, 2007. v. 1. 304p.

recepção nietzschiana que começa por Nápoles e que está ligada, inicialmente, ao nome do poeta nacionalista italiano Gabriele D’Annunzio, é depois rechaçada por uma inflexão positivista, para em seguida, a partir dos anos 20, ser resgatada de forma acadêmica por Benedetto Croce. Ao mesmo tempo, o pensamento nietzschiano foi apropriado de forma ideológica por Benito Mussolini e, conseqüentemente, por seu ministro da Educação Nacional, Giovanni Gentile, até a queda do regime nos anos 40. Depois, mais uma vez, dá-se outra inflexão, com a virada dos socialistas, que abriram um novo caminho, do qual os fascistas haviam se empenhado em desviá-lo. Nos anos 50, o existencialismo faz a sua marca na Itália e o nome de Nietzsche aparece associado ao movimento. Na cena acadêmica dos anos 60, ocorreu outra mudança na abordagem do pensamento nietzschiano, dessa vez a partir da interpretação heideggeriana, dando ênfase às leituras de Vattimo, De Feo e Penzo. Todavia, Scarlett Marton considera como o maior ponto de inflexão, não só quanto à recepção, propriamente, mas na *transmissão* italiana de Nietzsche, a publicação da edição crítica das obras completas do filósofo, organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari que contribuíram no sentido de preservar os escritos do filósofo de eventuais contaminações, abrindo uma nova fase dos estudos nietzschianos nas gerações seguintes, tanto fora quanto dentro da Itália e permitindo o surgimento de forte pesquisa sobre a obra nietzschiana, principalmente a partir do “Centro de Estudos Colli & Montinari sobre Nietzsche e a Cultura Europeia”, ligado à Universidade de Salento.

O livro cumpre o conteúdo programático do qual pretende dar conta, ou seja, apresenta a questão do “bom europeu” como uma superação da decadente Europa, ressaltando o domínio da cultura, restringindo a análise aos países onde a recepção do pensamento nietzschiano ocorreu de forma mais fecunda, levando em conta como foram moldadas nos mais diversos campos, nos mais diversos períodos.

Contudo, como nos chama atenção Scarlett Marton, “como todo clássico, Nietzsche se tornou inesgotável” (p. 76). Dito de outro modo, ele está sempre aberto para novas interpretações. É isso que permite ao seu leitor fazer inflexões sobre os temas abordados por ela, especialmente sobre a relação da Europa com o niilismo. Muito embora o tema do niilismo não tenha sido tratado diretamente no livro, a autora não deixa de mencioná-lo, em sua relação com o Romantismo, como sintoma de enfermidade (p. 23), e, também, rapidamente, em momentos focados, quando fala da recepção de Nietzsche na Alemanha,

França e Itália. É evidente que o tema central da reflexão da filósofa é “o bom europeu” e não “o niilismo europeu”, o que, *a prima facie*, lhe isenta de qualquer comprometimento com tal problemática. Entretanto, ambos os sintagmas são interseccionados pela questão da Europa, que o filósofo vê de maneira crítica, como sendo o palco do esgotamento de todas as forças de elevação e superioridade, em última instância, da *Décadence*, o que pode ser constatado no seguinte fragmento póstumo de 1886-1887:

Contra o grande equívoco, de que o nosso tempo (Europa) represente o tipo mais elevado de homem. Antes: os homens da Renascença, assim como os gregos foram superiores; sim, talvez estejamos muito longe de (*ziemlich tief* – bem fundo) “entender (*Verstehen*)” que não é sinal de força superior, senão de um completo esgotamento (*Ermüdung*); a moralização mesma é uma “*Décadence*”. (KSA 12, 5 [89]).

O que Nietzsche tematiza como a ascensão do “niilismo europeu” é o processo de esgotamento, a perda de validade e força vinculante por parte dos valores supremos da cultura europeia de sua época, ou seja, sua perda de sentido, que vem acompanhada, no plano afetivo, por um sentimento de vazio, o *horror vacui*, que remete para uma realidade que talvez ainda não possamos perceber com plena clareza, mas que se insinua como a nossa inelutável condição presente. O “niilismo europeu” contém, desse modo, o diagnóstico de uma crise radical, e abriga um conjunto de experiências do pensamento, ensaios e tentativas de orientação elaboradas a partir de fenômenos cruciais do presente, que se desdobram numa profunda meditação sobre o passado e projeções sobre o futuro que vão para além da fronteira da cultura europeia, na qual “o bom europeu”, talvez, não faça mais nenhum sentido.